

Ler para entender

Nestes textos você verá uma abordagem interessante sobre fatos que afetam o humor das pessoas, por Gilberto Dimenstein, e uma análise sobre os paulistanos e a solidariedade, este escrito por Marcelo Coelho. Em seguida, uma análise de aspectos da gramática e de alguns elementos textuais feitos pelo prof. Pasquale Cipro Neto.

O cotidiano das pequenas irritações e selvagerias

Gilberto DIMENSTEIN

O cotidiano de quem vive numa grande cidade é salpicado de pequenas irritações - coisas que não aborrecem ou assustam tanto quanto o desemprego ou a violência, mas tiram o humor, estragam o dia. Uma pesquisa realizada pelo site Aprendiz em parceria com a CPM Research mapeou esse cotidiano de irritações.

Em primeiro lugar, a ira se volta contra os chamados "flanelinhas", aqueles que cobram por estacionamento em espaço público. Em segundo lugar, contra cocô de cachorro na calçada, depois contra os camelôs e, em quarto lugar, contra os limpadores de vidro nos semáforos.

Campeões da irritação, os flanelinhas são o próprio exemplo da selvageria de uma comunidade, síntese de nossa indigência. Eles estão ali porque, obviamente, não conseguem um bom emprego, são vítimas do subemprego, da falta de escolaridade. Apropriad-se do espaço público, numa privatização selvagem, o que é claramente um desrespeito. E, para completar, ganham o dinheiro, na maioria das vezes, porque os motoristas se sentem chantageados, imaginando que, caso não paguem, o carro ficará riscado. Pagar sai mais barato.

Pela pesquisa, vemos que nosso humor é afetado cotidianamente por pequenas coisas que revelam incivilidade. A incivilidade de madames ou de suas empregadas, que deixam o cachorro defecar na rua. A incivilidade das crianças de rua, obrigadas a mendigar nos faróis por dinheiro e, para justificar o dinheiro, limpam (ou imaginam que limpam) os vidros.

A verdade é que as pequenas irritações, somadas aos grandes medos (violência, por exemplo) faz das grandes cidades, São Paulo mais agudamente, um espaço não de convivência, mas de ameaça, no qual cada qual se sente preso a cada semáforo ou esquina. A cidade é vítima, portanto, das máfias que cuidam dos carros, dos desamparados meninos de rua, esquecidos pela família e pelo poder público, e das madames com seus animais. Curiosidade: uma parcela da população tem especial ódio contra a música do caminhão de gás.

NÃO TEMOS CIDADÃOS. TEMOS PAULISTANOS

A pé, uma pessoa vive mais sua cidade, tem mais contato com o meio. Em São Paulo, o cotidiano da classe média resume-se a sair de casa para o trabalho, em geral de carro, e a passar suas horas de lazer no *shopping*. Caminha-se apenas nos parques cercados ou na esteira ergométrica.

Suspeito que isso faça diferença: não saímos, nunca, de espaços privados. O espaço público é praticamente desconhecido do paulistano médio. O carro é o espaço privado por excelência, onde nos incomodam para vender chicletes e pedir esmolas. O *shopping*, resguardado, não permite o acaso, o sol, a sombra; não tem habitantes, tem consumidores. Da casa e do trabalho, não precisamos falar. O resultado é que uma das maiores cidades do mundo termina sem ter vida urbana digna desse nome.

Talvez por isso a cidade seja um reduto da mentalidade mais privatista, egoística, amedrontada e dura de que se tem notícia no Brasil. Que o paulistano seja pouco solidário não é surpresa. Seu cotidiano é inteiro dominado pela lógica da vida privada. Não é culpa do paulistano, claro. A cidade reflete problemas de insegurança, de capitalismo selvagem, de desigualdade social que só poderiam dar nesse egoísmo, nessa mesquinhez... Nesse descontentamento que mesmo os privilegiados sentem sem parar. O pior não é que o paulistano seja pouco solidário. Acho isso remediável. O pior é que o paulistano é pouco cidadão.

Pois a situação clássica de cidadania é aquela em que o interesse privado, o raciocínio individual, de alguma forma se combina com a idéia de que há algo coletivo em jogo. O balanço entre vontade geral e vontade particular é, desde o século XVIII, o fundamento da vida política, da vida urbana, da cidadania. Aqui, não temos cidadãos. Temos paulistanos.

Extraído de: Marcelo Coelho. *Folha de São Paulo*, 23/1/2000.

Algumas considerações gramaticais

Prof. PASQUALE

Vamos começar com uma questão que já está presente no título do primeiro texto: o que são *selvagerias*? São atitudes típicas de gente selvagem, certo? É isso mesmo, mas é bom lembrar que *selvagem* vem de *selva*. Pertencem a essa família as palavras

silvícola, selvático e selvícola. A idéia de selvageria está diretamente ligada ao comportamento dos animais das selvas. Não é à toa que o dicionário Aurélio arrola, entre outros, os seguintes significados de *selvagem*: "que ainda não foi domado, amansado, domesticado, ou que é difícil de o ser"; "sem civilização", "primitivo", "bárbaro"; "grosseiro", "rude". Pense nisso da próxima vez que alguém parar o carro sobre a faixa de pedestres, ou, numa rodovia, trafegar pelo acostamento, ou ainda, ao entrar na garagem, não der preferência ao pedestre.

Releia o trecho destacado no quarto parágrafo do primeiro texto. A *incivilidade de madames ou de suas empregadas, que deixam o cachorro defecar na rua.* A *incivilidade das crianças de rua, obrigadas a mendigar nos faróis por dinheiro e, para justificar o dinheiro, limpam (ou imaginam que limpam) os vidros.*

Que tal a conexão? Você vê algum problema? Que faz o **e**? Cumpre seu papel mais freqüente, o de **somar**. Que soma esse **e**? Soma o que se atribui às crianças de rua: **obrigadas a mendigar e limpam**. Que tal? Parece que temos problemas, já que esse **e** soma um **adjetivo** de natureza *participial* (*obrigadas*) e um **verbo** (*limpam*). Falta **simetria, paralelismo**. O que se quer dizer é que as crianças de rua são obrigadas a mendigar nos faróis e que, para justificar o dinheiro que pedem, limpam (ou imaginam que limpam) os vidros.

Vamos tentar refazer: A *incivilidade das crianças de rua, que, obrigadas a mendigar nos faróis, limpam (ou imaginam que limpam) os vidros para justificar o dinheiro que pedem.* Note o valor **causal** que assume a passagem **obrigadas a mendigar nos faróis**. Se não se quiser dar valor causal a essa expressão, pode-se usar o **e**: A *incivilidade das crianças de rua, obrigadas a mendigar nos faróis e a limpar (ou a imaginar que limpam) os vidros para justificar o dinheiro que pedem.* A relação que se estabelece agora é completamente diferente. Morre a relação **causa/efeito** da passagem anterior; prevalece o aspecto meramente **aditivo** imposto pela conjunção **e**.

No trecho "A verdade [...] grandes cidades...", no quinto parágrafo, temos dois problemas: um de **pontuação** e outro de **concordância**. O de pontuação se dá pela falta de uma vírgula, que deveria ter sido colocada para completar o isolamento da

expressão **somadas aos grandes medos**. Como depois de **medos** (palavra que encerra a expressão) foi aberto um parêntese, a vírgula que seria colocada ali é transferida para depois do segundo parêntese.

O erro de **concordância** está em **faz**, que deve passar a **fazem**, já que se refere a **pequenas irritações**. Vamos alterar o trecho: *A verdade é que as pequenas irritações, somadas aos grandes medos (violência, por exemplo), fazem das grandes cidades...* Bem melhor, não é mesmo?

Fonte: DIMENSTEIN, Gilberto, NETO, Pasquale Cipro. *O Brasil na ponta da língua*, Editora Ática, São Paulo.